

Conexões (im)possíveis entre escultura, cinema e HQ: rastros do patriarcado em As gêmeas de Alfredo Ceschiatti

João Balbino Silva
Universidade de Brasília, UnB
joaouarto@hotmail.com

Resumo

Este capítulo analisa a escultura *As Gêmeas*, de Alfredo Ceschiatti, a partir de uma metodologia triangular transdisciplinar que articula os eixos gênero feminino, multimodalidade e discurso de poder. A obra é investigada como dispositivo (FOUCAULT; AGAMBEN) que potencializa um diálogo entre o cinema de Ingmar Bergman (*Persona*), as HQs de Frank Miller (*Elektra*) e a literatura dramática de Eurípides (*Electra*). Demonstra-se como a escultura, inspirada na fusão das atrizes Bibi Andersson e Liv Ullmann no filme de Bergman, traduz para o bronze a dissolução identitária feminina imposta pelo patriarcado. A análise multimodal evidencia como a gestualidade entrelaçada e a integração espacial no Palácio Itamaraty produzem sentidos que rompem com a passividade do observador. Este gesto dialoga com a insurgência violenta da *Elektra* de Miller e com a resistência trágica da personagem de Eurípides, formando um rizoma de críticas ao poder patriarcal. Conclui-se que a obra de Ceschiatti opera como um nó gerador de um letramento visual crítico, capaz de desconstruir padrões hegemônicos através de uma poética da sororidade e da resistência.

Palavras-chave: Alfredo Ceschiatti; Dispositivo; Transdisciplinaridade; Patriarcado; Letramento Visual.

Resumo expandido

Introdução

Este artigo examina a escultura *As Gêmeas* (1976), de Alfredo Ceschiatti, no Palácio Itamaraty, como um epicentro de um diálogo complexo entre linguagens artísticas. A análise sustenta-se na metodologia triangular transdisciplinar, que articula os eixos gênero feminino, multimodalidade e discurso de poder para decifrar como a obra é simultaneamente agenciada pelo cinema de Ingmar Bergman (*Persona*) e capaz de agenciar reflexões sobre a insurgência patriarcal na *Elektra* de Frank Miller, com a dramaturgia de Eurípides (*Electra*) como pano de fundo cultural. O aspecto transdisciplinar é também recurso para suprir a necessidade de diálogos com outras áreas de conhecimento que a investigação exige.

Desenvolvimento

O diálogo (im) possível desdobra-se em camadas entrelaçadas. A obra de Ceschiatti em tela é diretamente agenciada pela poética visual de Bergman em *Persona*, especificamente pela cena icônica da fusão dos rostos de Bibi Andersson e Liv Ullmann, que o escultor traduz em bronze na forma de corpos entrelaçados. Esta fusão, entretanto, não é mera reprodução; é uma transposição para o espaço de poder do Itamaraty, onde a escultura se torna um dispositivo crítico, associa-se a isso o espaço estratégico em que a obra está integrada: próxima a uma janela que tem vista para o Ministério da Justiça. A leitura multimodal da obra – que considera a materialidade do bronze, a sugestão de tato pelas superfícies e a relação com a arquitetura de Niemeyer – revela como ela convoca o observador a uma experiência sensorial que vai além da contemplação, rompendo simbolicamente com a passividade. Este gesto dialoga com a ruptura da quarta parede no cinema de Bergman que encontra respaldo no teatro épico de Brecht. A partir deste núcleo, o artigo demonstra como a escultura, ao conectar-se com outras manifestações artísticas e de linguagem potencializa uma leitura crítica de mundo e das práticas sociais considerando que a escultura, tal como as histórias em quadrinhos, a literatura dramática e cinema, também é texto. Um texto imagético e, como tal, é situado, ideológico e político, mesmo quando não há intenção do (a) artista em trazer essas camadas à obra. A análise, portanto, cogita abrir espaço para se pensar em outras formas de resistência, como a violência insurgente representada por Frank Miller na personagem Elektra. Eurípidés, portanto, não é uma influência direta sobre Ceschiatti, mas o substrato mítico que alimenta todo o diálogo transmidiático sobre o enfrentamento feminino ao patriarcado. Como provocações satélites o texto propõe colocar luz sobre

Considerações finais

A análise conclui que a escultura *As Gêmeas* enquanto texto imagético, funciona como um operador semiótico complexo que ativa uma rede de significados que conecta cinema, escultura e HQs através do tema da resistência feminina. A metodologia triangular transdisciplinar mostrou-se fundamental para navegar por essa complexidade, permitindo articular a materialidade da obra (multimodalidade), sua carga política (discurso de poder) e sua representação do feminino. O diálogo proposto é (im) possível porque cada linguagem mantém sua especificidade, mas é no espaço entre elas – no rizoma – que a crítica mais potente ao patriarcado se forma. A escultura de Ceschiatti, portanto, não é um ponto final, mas um nó gerador de reflexões contínuas.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Argos, 2009.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Editora 34, 2000.
- EURÍPEDES. *Electra*. Martin Claret, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Paz & Terra, 2017.
- LEEuwEN, Theo van. *Multimodality and Identity*. Routledge, 2021.
- ZAPPELLINI, Marcelo Beckert; FEUERSCHÜTTE, Simone Ghisi. O uso da triangulação na pesquisa brasileira em administração. *Administração: ensino e pesquisa*, v. 16, n. 2, p. 241-273, 2015.